



---

**TRECHOS DA ENTREVISTA REALIZADA COM O BISPO DOM TOMÁS BALDUÍNO, NO CONVENTO DOS DOMINICANOS, NO LEME, RIO DE JANEIRO, REALIZADA PELO HISTORIADOR GRIMALDO CARNEIRO ZACHARIADHES NO DIA 20 DE MARÇO DE 2013.**

## Dom Tomás Balduino

*Tomás Balduino foi bispo da diocese de Goiás entre 1967 e 1998. Teve um papel de destaque dentro da Igreja Católica, nas questões referentes à reforma agrária, na resistência à Ditadura Militar e na defesa aos direitos dos povos indígenas. Participou da criação do Conselho Indigenista Missionário (Cimi), em 1972, da qual foi presidente entre 1980 e 1984, e da Comissão Pastoral da Terra, (CPT) em 1975, que presidiu de 1999 a 2005.*

**Perspectiva Histórica:** Quería começar com o senhor falando da sua infância e juventude até entrar no sacerdócio, os caminhos que te levaram a entrar na ordem dominicana?

**Dom Tomás Balduino:** *É isso desde a infância, porque eu morei com minha família na cidade de Formosa, que é próximo de Brasília, a 90 km de Brasília, onde tinha uma comunidade de dominicanos. Eu era um garoto lá e convivi inclusive com grandes dominicanos e dali então eu segui para o seminário de Uberaba.*

**PH:** Quantos anos o senhor tinha?

**TB:** 14 anos

**PH:** Sua família era católica?

**TB:** *Católica! Inclusive dois tios padres do lado materno, um tio padre do lado paterno, as tias todas católicas, então a minha origem é Posse, no limite com a Bahia. Esse meu tio Trajano Balduino foi pároco de Formosa antes da chegada dos dominicanos, ele que entregou a paróquia aos dominicanos, franceses, missionários que tinham a responsabilidade de metade do estado de Goiás. É por*

*ai, daí eu fui pra Uberaba que era escola, um seminário dominicano. Ali me formei. A gente estudava, fazia os estudos com os Maristas, colégio dos Maristas, e completava ali no seminário a parte de grego, latim e filosofia já desde cedo, e ali na cidade de Uberaba eu me fiz dominicano, fiz o noviciado. Dali fui para São Paulo fazer filosofia e de São Paulo fui encaminhado para França [para estudar] Teologia. Essa é minha trajetória. De lá vim para o Brasil.*

**PH:** Em que ano o senhor volta?

**TB:** *O ano [19]50 que eu voltei para o Brasil, comecei o meu trabalho de professor em Uberaba, professor de Filosofia, fui transferido para Juiz de Fora encarregado do seminário menor dos dominicanos, e ao mesmo tempo professor de Filosofia na faculdade. Depois nomeado como missionário em Conceição do Araguaia. A ordem dominicana tinha na região uma prelazia, como outras ordens tinham também suas prelazias. Era o sistema naquele tempo, e eu então fui Superior daquela missão e mais tarde nomeado prelado ali em sucessão ao anterior prelado, bispo prelado, que já estava*

*velhinho. E dali fui para Goiás, passei 2 anos como prelado nas missões, missões indígenas e camponesas*

**PH:** Isso em que ano?

**TB:** *Isso foi no ano de 1957. Prelado foi no ano já de [19]65, foi em 65 que eu fui nomeado prelado de Conceição da Araguaia, fiquei 2 anos como prelado, e lá então fui para Goiás, que estava vacante. Já como bispo diocesano, fiquei de 67 até 99, são 31 anos, como bispo de Goiás*

**PH:** O senhor é um padre pré-Vaticano II. Quais são as mudanças pós-Vaticano II que mais você sentiu dentro da Igreja e o que mais te marcou nessas mudanças?

**TB:** *Foi sobretudo na área missionária indígena, isso foi muito marcante. O meu tirocínio começou justamente em Conceição da Araguaia, onde havia problemas com a terra e problemas também com os povos indígenas. Eu cheguei a aprender a língua de um deles, a conviver com um desses grupos, mas o que me marcou no Vaticano II foi aquilo que aconteceu em Medellín. Foi solicitada aos bispos por*

*Paulo VI, para aplicar no continente latino-americano as luzes do Vaticano II. Que luz é essa? Abertura para o mundo. E aconteceu em Medellín o mesmo: abertura para o nosso mundo, só que o mundo de baixo, o mundo sem terra, o mundo dos indígenas, dos negros quilombolas, das mulheres, do povo da rua. Então a opção preferencial pelos pobres nasceu ali, mas completando essa visão do Vaticano II, é que essa opção foi diferente. A Igreja sempre teve opção pelos pobres, sempre cuidou dos pobres, criou até as obras de misericórdia, de atendimento aos pobres, porém ali foi de uma forma nova, uma forma surpreendente, quer dizer considerar o pobre não como objeto da nossa ação caritativa, tanto indígena como camponês, mas como sujeito, até seguindo aquela palavra de Paulo VI: “Sujeito, autor e destinatário de sua própria caminhada”. Isso revolucionou em mim tudo que a gente tinha de concepção de Igreja a serviço do povo pobre. Não uma Igreja maternalista, paternalista, mas uma Igreja servidora que se colocava em segundo lugar como samaritanos em segundo plano e aquele que estava caído ele se levantava, ele mesmo, era aquele*

*que devia levantar outros caídos, isso foi o que me marcou e marca até hoje, porque até hoje eu cuido da pastoral da terra, a influência do Conselho Vaticano II.*

**PH:** Quando você pega o ano de 1964 o Brasil estava naquele turbilhão, greves estourando por todos os lados, o período do governo de João Goulart. Ocorreu o Golpe [de 1964] e vários setores da Igreja vão se silenciar ao movimento militar ou vão apoiar, porque não estavam concordando com o que estava acontecendo no Brasil. O senhor em 1964, quando ocorreu o movimento militar, como é que viu aquele movimento?

**TB:** *A gente via 64, como Igreja, sobretudo em dois ângulos: a cúpula da Igreja, os cardeais, cardeal de São Paulo, cardeal Agnelo, o arcebispo de Porto Alegre e outros começaram então a achar bom aquele Golpe, até chegaram a declarar graças a Deus por ter salvo o Brasil do perigo comunista sem derramamento de sangue, isso é uma parte. A outra parte desde o início ficou preocupadíssima com o andamento da Ditadura. Sobretudo nós que estávamos mais na base camponesa, pelo lado da*

*repressão, sobretudo aos lavradores, os povos indígenas não era tanto, porque indígenas não contavam para eles, mas até o José de Souza Martins tem uma palavra sobre isso: “que o golpe de 64 foi dado sobretudo, não unicamente, mas sobretudo contra a organização dos trabalhadores rurais”, que eles achavam que através do campo entraria o comunismo internacional no país. Então a gente assistiu a essa repressão. E em sequência a Medellín, a gente foi tomando partido do lado dos trabalhadores, do lado dos povos indígenas, do lado das organizações sociais que estava apenas iniciando. Como é que foi esse apoio? Eu digo da parte da diocese de Goiás, a gente serviu de guarda-chuva, sabendo que éramos perseguidos, nós tínhamos a nossa organização, casa de formação, que é chamado daquele centro de treinamento de líderes, era o nome que era usado em todas as dioceses, ali quem era recebido era liderança dos trabalhadores rurais, que uma vez ali dentro não eram incomodados de forma alguma, que os militares achavam que estavam lá rezando, junto com o bispos e as irmãs, e ali eles estavam como líderes, eles tinham suas assessorias próprias*

*que eles mesmo convidavam de qualquer parte do país, foi ali que começou o movimento de trabalhadores e com diversas organizações que vieram em seguida, começou dentro, debaixo da lona, do guarda-chuva dos bispos.*

**PH:** Como foi a ideia da fundação da Comissão Pastoral da Terra (CPT)?

**TB:** *A CPT foi o seguinte. Quem era presidente da CNBB era Dom Ivo Lorscheiter, então a repressão que atingia os lavradores, atingia em contrapartida também os missionários, padres e irmãos ligados ao pessoal da terra, então se pensou um instrumento da parte da Igreja coerente com o Concílio, coerente com Medellín a serviço desse povo. E surgiu um instrumento que não foi na linha de criar uma confraria de trabalhadores rurais como aconteceu em Minas Gerais com Dom Inocêncio, que tinha lá um verdadeiro apostolado, ligado também à reforma agrária. Ele estava preocupado com a reforma agrária, mas uma reforma agrária em que a Igreja toma a frente, inclusive os trabalhadores entram como membros da Igreja, como membros de uma confraria*

*religiosa. O segredo da criação da Pastoral da Terra foi de dar prioridade, dar o protagonismo aos próprios trabalhadores rurais, e a Igreja então, por trás dando todo apoio. Que apoio? Apoio jurídico, apoio de estudo, de aprofundamento, de reforma agrária, apoio também na linha de poder trabalhar na terra, o saber de agronomia, porque esse pessoal tinha sido expulso da terra, que praticamente perdeu o contato, perdeu a noção de como trabalhar na terra, tinha terra, mas não sabia trabalhar, a Igreja também ajudou no sentido de trazer agrônomos, trazer pessoal técnico para ajudar, plantar, colher, porque eles plantavam, mas não colhiam, então a outra coisa assessoria jurídica muito importante. A CPT tinha uma equipe de advogados preparados para defender os direitos do pessoal posseiro, milheiro, sempre eram vítimas dos fazendeiros.*

**PH:** Foi criado, como forma de resistência ao regime, um grupo que não tem nome, formado por leigos e religiosos de várias dioceses que tinha uma estratégia de resistência de publicações de documentos críticos ao Regime. Desse grupo vai sair a ideia de 3

documentos: “Marginalização de um povo”, “Eu ouvi os clamores do meu povo”, “Y-Juca-Pirama”. Me fale desse grupo, como foi essa ideia e como foi pensado esses documentos.

**TB:** *Olha... isso aí procede de um outro grupo, o grupo informal dos bispos, porque como eu dizia, o episcopado estava dividido e um pouco confuso com as ideias dos tempos do Vaticano II, depois a Ditadura, que estava ali, a repressão, a reação do próprio clero então no episcopado desde o início, desde aquele tempo das declarações a favor do Golpe e também dos banqueiros com os cardeais, com os generais, a tensão se deu dentro das assembleias episcopais, então o grupo mais engajado a serviço dos trabalhadores, dos povos indígenas, do homem da rua e também de uma nova visão de Igreja participativa do povo de Deus, então aquilo encontrava muita resistência por parte do conjunto do episcopado e mesmo tendo passado pelo Concílio, as coisas não estavam muito assim num consenso, por isso um pequeno grupo de bispos resolveu fazer um grupo à parte e quem é que estava nisso: era Dom*

*Evaristo, Dom Helder foi convidado, ele primeiro foi contra, ele falou: “Não, isso vai ser interpretado como cisma”, mas finalmente entrou. Fragoso, Dom Fernando Gomes dos Santos, Pedro Casaldáliga. Pedro puxava mesmo a fileira, então esse grupo chamado grupo informal, grupo não-grupo. Um bispo que não gostava de nós deu o nome de grupo exotérico, então nós carinhosamente perguntávamos, você vai para o exotérico? Então é esse grupo foi pensando ações e uma parte dessas ações era documentada e assinada pelos bispos, assinados pelos provinciais. Por quê? Porque se fosse assinado por Ivo Poletto, por Caduto, eles iam para cadeia. As edições foram perseguidas. Eu fiquei encarregado de fazer edital de Y-Juca Pirama, passei por todas as livrarias católicas, eu já era bispo, me recebiam assim de braços abertos e eu dava então o texto pra ler com a proposta de edição. No dia seguinte o provincial estava no pé. A gente achou uma gráfica comunista, então eu fui lá, aliás levado pelo Frei Jorge Calegari, que já é falecido, e o cara leu o texto Y-Juca Pirama, chegou para mim, ele me perguntou: “O senhor é*

padre?” “Sim, eu sou padre.” “Agora não entendo mais nada, porque tudo isso aí é seu? Você é autor?”. “Sou coautor.” “Não entendo mais nada, porque tudo isso que está escrito aí é o que eu penso e você vem me dizer que é padre.” Aí no fim ele me falou: “Padre, você está vendo essas máquinas aí né? Esse é o pão dos meus filhos, eu vou imprimir isso, de bom grado, com muita alegria, mas o senhor assina a responsabilidade?”. Assino. Aí ele me trouxe o documento. Assim nasceu Y-Juca Pirama. Nasceu nos porões das edições e depois aquilo se multiplicou graças a xerox que tava nascendo naqueles dias, aparecendo naqueles dias.

**PH:** Poderia falar sobre o “Marginalização de um povo”?

**Dom Tomás Balduino:** Marginalização de um povo foi escrito lá na diocese de Goiás. Eu ouvi os clamores do meu povo foi no Nordeste, só que houve um encontro entre a equipe de Goiás e a equipe de Recife, com a presença de Dom Helder numa viagem que fizemos juntos, aí com Ivo, com Eliseu, fomos até lá trabalhar juntos e houve repressão, houve prisão. Dom Helder interveio, foi uma confusão já na preparação e

saiu aquele “Eu ouvi os clamores do meu povo”, na mesma sintonia com Marginalização de um povo.

**PH:** Como era sua relação com o Cardeal Dom Eugênio Sales?

**TB:** A gente se apoiou em Dom Eugênio, quando eu era bispo, eu era Superior da missão do Araguaia e Eugênio era bispo auxiliar de Natal. Ele tinha começado um sistema de escola radiofônica, aí eu me desloquei até lá com Dom Joaquim. Fomos até lá, os dois juntinhos para aprender... ele teve uma iniciativa interessante, social, avançada, Dom Eugênio Sales: As escolas radiofônicas. Levamos lá para o interior, montei uma rádio, que foi cassada pela ditadura depois, um tempo depois. Mas essa é a primeira fase de Dom Eugênio. Dom Eugênio, depois bispo da Bahia, depois do Rio de Janeiro, ele revelou o espírito dele de governador, ele tinha essa vocação. E muito ligado a Roma, ia e vinha, tinha até funções e emprego lá e uma linha ultraconservadora, sempre. E depois então no governo de João Paulo II aí então ele foi aquele que praticamente indicou a maioria dos bispos para assumir dioceses aqui no Brasil.

**PH:** Como você avalia o papado de João Paulo II?

**TB:** *Eu acho que foi um estrategista, grande estrategista, ele entende o modelo de Igreja dele. Anticomunista lá da Polônia, ele foi do grupo da minoria, no Concílio, não comungou com toda aquela revolução acontecida no colegiado, os bispos, povo de Deus, o ecumenismo e depois de Papa, ele fez voltar o modelo de Igreja tridentina. Centralizador, repressor, punindo os teólogos. E depois a nomeação dos bispos criteriosamente escolhidos entre homens que fossem submissos a Santa Sé e nada de avançar sobre... ele até dizia “olha deixa que o social eu faço, vocês bispos cuidem da pastoral”.*

**PH:** É claro que a mulher que tem um papel importante no catolicismo é marginalizada dentro da Igreja. Inclusive ela não poder ser ordenada sacerdotisa. Como é que você vê isso?

**TB:** *Eu acho que é uma dívida da Igreja com relação à mulher, por que essa discriminação? Por que esse posicionamento em não admitir que ela possa exercer o sacerdócio? Vai contra toda a cultura humana que evoluiu, que*

*fez vencer o machismo, que colocou a mulher em pé de igualdade. Então eu acho que é um atraso, um retrocesso da Igreja.*

**PH:** Os homossexuais lutam também por direitos iguais e um desses direitos que eles estão buscando é o direito de celebrar casamento religioso. Como é que você vê essa relação dentro da Igreja? Como é lidar com isso?

**TB:** *Pois é, isso está um pouco ligado também a liberdade da mulher, do uso do contraceptivo, que na Igreja recebeu um freio muito grande. Agora com relação aos homossexuais, a evolução da sociedade é no sentido do reconhecimento, porque é uma coisa inerente à natureza, não é algo assim ligado ao caráter imoral, mas é estrutural e isso então ter que ser levado em conta nessa linha, que logo entra o problema moral, como se fosse uma aberração, uma liberalização do pecado. Ai é questão mesmo, até dentro da própria Bíblia, que analisar o que sucedeu ao longo da história bíblica do povo de Deus.*